



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O USO DAS PLANTAS SAGRADAS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: UM ESTUDO DE CASO NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS DA UMBANDA DE POÇÕES-BA

Celio Silva Meira*
(UESB)

Marilia Flores Seixas de Oliveira**
(UESB)

RESUMO

Este artigo procurou investigar as maneiras pelas quais as religiões de matrizes afro-brasileiras, fazem uso de plantas em seus rituais religiosos em especial os terreiros de Umbanda do município de Poções-Bahia. Neste sentido, comprovou-se que a natureza está sempre presente no cerimonial e que as folhas formam uma força significativa no processo de cuidar do corpo e do espírito, compreendidos de maneira interligada. Considerando-se também que o uso de ervas e de outros elementos vegetais na produção de medicamentos e de outras práticas relacionadas à saúde está muito presentes nessas comunidades, que têm a natureza como elemento de comunicação com o sagrado (o Ayiê e o Orum), sendo que as folhas também atuam na comunicação entre homens e divindades.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas sagradas; Religiões afro-brasileiras; Umbanda.

INTRODUÇÃO

O homem, ao longo da sua trajetória na superfície terrestre, sempre esteve intimamente ligado ao Planeta Terra e deste depende, essencialmente, para a sua sobrevivência, seja para fixar residência ou construir sua própria moradia, quando este deixou de ser nômade, seja para as práticas agrícolas voltadas a produzir seu

* Mestre em Ciências Ambientais e Desenvolvimento. PPGCE. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: celliosilvameira@bol.com.br.

** Doutora em Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, UNB, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais/UESB.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

próprio alimento ou para vender o excedente da produção, seja para a exploração dos seus mais diversos recursos naturais e deles se beneficiar. Essa interdependência acentuou-se ao longo das diversas fases da história da sociedade humana. A transição do feudalismo para o capitalismo, modelo econômico que se tornou hegemônico no mundo a partir do século XVI, deu-se de forma bastante desigual, tanto no tempo quanto no espaço, apresentando, ao longo da sua trajetória, grande dinamismo.

Tendo, em seu percurso de desenvolvimento, três etapas evolutivas, iniciando pelo Capitalismo Comercial ou Mercantilismo, Capitalismo Industrial estabelecido a partir do advento da Revolução Industrial e por fim o Capitalismo Financeiro, período em que se acentuou a internacionalização dos capitais e a mundialização da economia, com a Globalização e a era da comunicação, sendo considerado como o período de gestação das profundas transformações econômicas pelos quais o mundo passou e passa na atualidade.

Dessas três fases que o sistema capitalista enfrentou, algumas consequências são nitidamente perceptíveis na nossa atual sociedade. E umas das que mais se discute nas últimas décadas é, sem dúvida, a degradação ambiental em larga escala, a destruição dos recursos naturais e seus efeitos para a humanidade. Hoje, o homem procura resolver o que ele não resolveu desde o início do processo capitalista, quando se acreditava que os recursos naturais eram infindáveis, gerando, assim, impactos ambientais nos diversos ecossistemas, agravados, crescentemente, ao longo da história, pelo aumento contínuo da capacidade de transformação da natureza, modificando continuamente o espaço geográfico, estabelecendo nova configuração territorial e trazendo consequências danosas à natureza e ao próprio homem.

Todos esses drásticos problemas causados ao meio ambiente pela ação antrópica leva-nos a uma pergunta intrigante: até que ponto o homem se arrisca na busca desenfreada pelo poder econômico? Qual é o seu limite? A destruição do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

meio ambiente parece não ter fim. Porém, quando olhamos para o meio ambiente com outro olhar, que não apenas o olhar do capitalismo selvagem, onde a este interessa apenas o lucro e nada mais, e sim um olhar de pertencimento ao meio, em que o homem é parte integrante deste sistema, a configuração é outra. Tomemos como exemplo as comunidades tradicionais de religiões de matrizes africanas, onde estas dependem essencialmente da natureza para a sua existência.

As religiões de matrizes africanas possuem um olhar diferenciado acerca do meio ambiente, pois, é deste que emana à força da sua existência, seu axé, e é nas folhas que essa relação é claramente percebida, no contato do homem com sua religião e com o meio ambiente, essa relação tríade se faz presente o tempo todo.

Segundo Serra et al. (2002, p. 17)

As folhas são de longe, as partes dos vegetais mais empregadas no candomblé, em ritos diversos e, particularmente, em operações de cura, em terapias. Mas convém notar que *folha* é também um termo genérico no dialeto dos terreiros: mesmo raízes, sementes e cascas de troncos (e até plantas como um todo) podem ser chamadas coletivamente de *folhas*, sempre que esses itens vegetais têm um emprego litúrgico ou terapêutico que se distingue bem do uso alimentar, em ritos diversos. Ainda que algumas folhas possam ser ingeridas sob a forma de poção, dá-se que elas não são pensadas, nessas circunstâncias, como nutrientes, mas como “remédios” ou “encantos”.

No repertório dos terreiros, certas folhas são descritas como dotadas de “valor espiritual” — e, portanto, de capacidade curativa — ainda que não sejam “medicinais”. Ou seja, há uma diferença entre folhas de valor puramente espiritual e folhas de teor medicinal, ou as duas conjuntamente. Nos terreiros é comum perceber esta separação do espiritual e do medicinal, ou ambas concomitantemente. Serra et al. (2002, p. 09, grifo nosso) nos diz a respeito que:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Os remédios “de farmácia” são reconhecidos eficazes [...] em muitos casos. Ao comentá-lo, os adeptos da religião dos orixás lembram que, na maioria, esses remédios derivam de *folhas*, de vegetais... Mas ponderam sempre que as drogas “receitadas pelos médicos” não têm eficácia quando o “espiritual” está envolvido. Este é um dos motivos pelos quais, no candomblé, um tratamento sempre deve ser precedido de uma consulta ao Ifá, um *jogo de búzios*. O “olhador” poderá concluir que o tratamento deve ser feito no terreiro; mas também poderá dizer que “o caso é de médico” e transferir a um clínico o cuidado do paciente. É possível ainda que aconselhe um duplo tratamento, a ser feito de modo concomitante. Conforme o caso, talvez recomende que **antes** de ir ao médico o sujeito aflito “se prepare” no terreiro — com um *banho de folhas*, por exemplo. Neste caso, a preparação se destina a propiciar a boa sorte, a garantir que o recurso ao clínico seja coroado de êxito.

Dentro da cosmovisão dos grupos religiosos de origem afro-brasileira, o conhecimento dos vegetais é fator preponderante nas relações destes com o mundo que o cerca. É por meio deste relacionamento intrínseco que o homem chega a uma forma de conhecer, organizar, classificar e experimentar, integrando o mundo natural ou social dentro de uma lógica particular.

Segundo Barros (2009), estas comunidades tradicionais procuram sempre uma convivência harmônica com a natureza, pois é dela que vem os segredos da existência da própria religião. Essa relação homem/vegetal é sempre sedimentada através do conhecimento empírico secular, onde aquele, plenamente familiarizado com a flora do seu entorno, busca soluções para os mais diversos problemas surgidos no âmbito de suas comunidades.

Foi com base no conhecimento prático e vivido do sistema tradicional africano, que, aqui no Brasil, os escravos iorubanos fizeram o reconhecimento e a identificação das plantas usadas nos candomblés brasileiros e, em especial, dentro do contexto baiano.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo Ângela Luhning (2006), é provável que mais tarde, após a fase de reconhecimento e identificação das plantas brasileiras pelos escravos aqui transplantados, tenha começado um movimento de intercâmbio entre Brasil e África no que se refere à troca de informações sobre as plantas comuns por aqui e as nativas daquele continente.

Independentemente do intercâmbio Brasil-África, o conhecimento das folhas e o seu uso se dá em várias partes do mundo e, em especial, aqui em nosso país, fazendo parte da sabedoria popular, segundo Luhning (2006). A forma como este conhecimento tradicional foi e é abordado pela sociedade variou bastante durante os tempos, levando a uma divisão de opiniões no seio da sociedade. Esta polêmica divisão de opiniões deve-se ao fato de este conhecimento pertencer à população mais pobre, negra e de origem cabocla e por seus conhecimentos serem transmitidos oralmente há gerações.

O mesmo movimento pode ser percebido em nosso país, mesmo que em escala menor, onde, na verdade, certos conhecimentos da cultura popular nunca foram tão reprimidos e esquecidos como em países europeus, apesar de haver toda uma campanha para tentar aboli-lo. Embora, nas últimas décadas, vem-se percebendo toda uma tendência por parte de alguns segmentos da sociedade em resgatar e recuperar esse legado cultural brasileiro. Estão inclusos neste segmento social pessoas da classe média que ora por questão de convicção, ora por moda, aderiram a este movimento mudando, assim, seus hábitos de alimentação ou de tratamento médico ou espiritual e crendo na natureza como a fonte de saúde para suas vidas e defendendo uma forma de vida em que o homem esteja mais próximo da natureza e em harmonia com esta.

Como nos afirma Barros (2009, p. 35)

Vemos o futuro do conhecimento popular das folhas justamente na possibilidade de criar uma simbiose natural e eficaz entre os dois lados do conhecimento: o do tradicional que nunca foi sistematizado e o do conhecimento científico muitas vezes se



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

distanciou demais das necessidades reais, uma simbiose a partir da qual um lado pode servir o outro.

O que o autor propõe é que um conhecimento possa auxiliar o outro, acrescentando informações, experiências e dados a fim de se formar uma medicina menos alopática.

Os africanos trouxeram consigo toda uma gama de informações culturais, como línguas, religiões, costumes, práticas culinárias, tecnologias, conhecimentos e uma série de informações que foram tanto incorporadas quanto desprezadas pelos brancos colonizadores, representadas recorrentemente como algo menor, com conotação de atrasado, arcaico, primitivo. Apesar do preconceito impresso sobre estas culturas, ressalta-se que se pode compreender “primitivo” a partir de significados não depreciativos, pertinentes quando aplicados a elas: “aquilo que vem em primeiro lugar, a origem de tudo” (QUERINO, 2006, p. 46).

Mesmo com todos os preconceitos enfrentados, os negros conseguiram, como diz Muniz Sodré (2005), “reimplantar aqui - de modo mais extenso e com maior alcance estrutural na Bahia – os elementos básicos de sua organização simbólica de origem”.

Nas Américas e, em especial, em nosso país, os grupos de origem africana enfrentaram as novas estruturas sociais e suas mudanças fortes e marcantes, decorrentes da imposição do modelo de sociedade mercantil e judaico-cristã baseada no trabalho escravo, extremamente contundente e cruel. Frente aos processos de dominação enfrentados, os negros passaram a praticar clandestinamente os seus ritos, para manter os cultos aos seus deuses e retomar, assim, a linha do relacionamento comunitário e das suas práticas culturais e religiosas de suas terras de origem. Por outro lado, novas configurações começaram a acontecer a partir das realidades locais e dos contextos específicos em que passaram a viver, constituindo um jogo com as ambiguidades do sistema colonial imposto. Para Sodré (2005, p. 82), “a cultura negro-brasileira emergia



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente”.

A partir da década de 1970, as práticas das culturas negras - em especial as religiosas - começam a sair da “clandestinidade”, entendendo-se esse “sair” como algo embrionário, inicial, como uma mudança na representação. Paulatinamente, foram passando a ser consideradas e vistas em suas particularidades culturais, sobretudo na Bahia, com seu grande contingente populacional afro-descendente. Vários fatores de ordem sócio-histórica contribuíram para que esse rompimento pudesse eclodir e Muniz Sodré, em sua obra *“A Verdade Seduzida”*, apresenta a seguinte síntese destes fatores:

- 1830 - Abolição do tráfico negreiro, o que permitiu aos negros um olhar sobre a sua real situação de marginalizados.
- As revoltas que ultrapassaram as fugas individuais ou coletivas, sendo que essas ocorreram num momento político em transformação de uma fase colonial para uma visível independência, embora sofrendo todas as formas de repressão, tanto de ordem policial, onde eram comum as invasões e prisões dos seus adeptos por estarem praticando magia-negra e subvertendo a ordem social que era vista como a religião que praticava o mal, e adorava o diabo nas suas mais diversas formas. Pois, diferia do proposto pelo cristianismo ocidentalizado e enraizado em terras brasileiras (SODRÉ, 2005, p. 100).

A partir dessa realidade brasileira surge um novo fenômeno religioso com suas raízes fundadas nas culturas africanas, europeias e indígenas: a Umbanda.

O nascimento da religião umbandista coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes. A um movimento de transformação social correspondente um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira (ORTIZ, 1991, p. 15).

Diversos fatores contribuíram para o rápido crescimento da Umbanda em nosso país. Para Berkenbrock (1997, p. 152), alguns destes fatores se referem a:



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“oferta na área curativa e caritativa; a forma simples do culto; sua adaptação às condições do público; a forma de organização das comunidades; a possibilidade de participar diretamente de experiências religiosas”.

A religião da Umbanda, com suas misturas de elementos diversos, chegou ao município de Poções por volta da década de 1940, acoplando em si diversos elementos religiosos existentes no local. Da Igreja Católica, incorporou os santos com suas datas e festas comemorativas; da religião indígena, o culto aos caboclos; da presença negra na região do município, congregou o culto aos Orixás e aos Pretos-Velhos, com suas associações aos santos católicos. Além, é claro, de outros elementos oriundos de vários segmentos religiosos e práticas divinatórias, como a Cartomancia, por exemplo.

No que tange ao uso de plantas, de acordo com informações prévias da pesquisa realizada localmente, a Umbanda poçoense faz uso constante das ervas em seus rituais, de maneira fundamental aos rituais, o que demonstra que, para os adeptos desta religião, é imprescindível o uso de plantas dentro de seus terreiros. Segundo Oliveira e Oliveira (2007, p. 81).

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferta de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes.

Antes de colhê-las, para que se possa saber qual ou quais serão as folhas que devem vir a ser usadas em cada procedimento ou nos rituais determinados, é preciso consultar-se os encantados (entidades espirituais da Umbanda), seja quando estes estão incorporados nos filhos da casa ou no pai de santo (ocasião em que podem conversar diretamente com as pessoas).

O segredo do poder das folhas é transmitido de geração a geração, seguindo os mesmos princípios utilizados nos terreiros, o da oralidade. De pai para filho, de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

tio para sobrinho... - em relações de parentesco que não são apenas consangüíneo ou familiar no sentido formal da palavra, mas que também se referem aos parentescos rituais, pois os terreiros se organizam a partir de famílias de santo -, sempre tentando salvaguardar o valor do segredo das ervas e suas aplicabilidades dentro das casas.

Segundo Barros (2009), o uso de certo ou determinado tipo de planta dentro de um terreiro varia de acordo com cada casa, havendo determinadas casas que fazem uso de certas folhas para determinadas finalidades e, em outras casas, estas mesmas plantas são categorizadas de outras maneiras, podendo ser, por exemplo, consideradas como pertencentes a outros Orixás, ou então tidas como adequadas para curarem outros tipos de males ou de doenças, sejam elas espirituais ou físicas. Porém, vale ressaltar que todas as casas utilizam, em seus rituais, determinados tipos de plantas. Para Oliveira e Oliveira (2007, p. 82; 95)

A utilização de plantas, nestas comunidades, pode ter finalidade mágico-encantada, finalidade de prevenção ou tratamento da saúde, ou ambas a um só tempo, sem distinções rígidas entre males ou benefícios a que se atribuem causas físicas ou simbólicas e sem separação clara entre corpo e espírito. [...] As prescrições e receitas, os banhos medicinais ou garrafadas, feitos sob orientação dos caboclos, são usados com confiança pela população, pois se acredita que eles conhecem profundamente os segredos e as ciências das matas e da natureza brasileira.

Com isso, pode-se perceber o quanto a natureza se faz presente dentro dos terreiros de Umbanda. Pierre Verger (2004) afirma que as folhas formam uma grande força na farmacopeia africana.

A presença do vegetal, para o afro-brasileiro, está ligada à manutenção do axé. O axé representa a força vital que move e renova esse povo que tem toda a sua religiosidade calcada nas substâncias extraídas das folhas. Para Santos (2008), este comportamento ambiental foi importante porque as religiões de matriz africana têm a natureza como elemento de comunicação com o sagrado, mediação entre o



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ayiê e o Orum (as duas instâncias do mundo; a primeira, o mundo dos vivos e a segunda, o mundo dos orixás, dos antepassados e dos espíritos). É, portando, por meio também das folhas sagradas que é feita a comunicação dos homens com as divindades.

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afro-brasileiros devido também aos efeitos que estes causam àqueles que deles se utilizam como também devido ao valor simbólico dos mesmos no contexto geral das religiões de influência africana. Tal aspecto pode ser verificado no depoimento da Ialorixá Mãe Bibiu de Ogum²⁹³ do Terreiro Oca de Sultão das Matas, localizado no município de Poções Bahia:

Uso ervas para tudo que faço, defumo pessoas sãs e também doentes; no momento das obrigações, meu caboclo – Sultão das Matas - ensina vários remédios feitos com folhas, cascas de pau. Quando vou na casa de alguém a pedido fazer qualquer trabalho, primeiro eu faço um bate folha na casa toda e depois na pessoa do trabalho. O nome das folhas é segredo, só o caboclo é quem diz quais usar.

Portanto, percebe-se que, para esta Ialorixá, as plantas adquirem fundamental importância na sua cultura religiosa e na medicina popular por suas propriedades terapêuticas e também por suas virtudes simbólicas. Percebe-se também, neste depoimento, a centralidade da figura do caboclo, entidade espiritual de grande importância nas casas de Umbanda, que utiliza constantemente as folhas em suas ações ou em seus rituais.

Nas incorporações destes caboclos nos médiuns dos diversos centros religiosos em que aparecem, eles conversam com desenvoltura com os fiéis-pacientes, fumam charutos, ingerem bebidas alcoólicas, dando sempre ênfase à cura dos males do corpo, seja utilizando gestos rituais simbólicos, cantos gritos de saudação ou folhas, raízes, cipó, sementes e outros elementos da biodiversidade local, de que é profundo conhecedor (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 96).

²⁹³O depoimento foi coletado em pesquisa de campo realizada no período de janeiro a maio de 2012.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Logo, percebe-se o grau de intimidade entre os encantados, seus pacientes ou consulentes e a flora botânica local ao passar receituários em que os ingredientes estão à disposição dos fiéis nas matas, nas ervas, nas cascas, nos frutos etc.

Os adeptos das religiões afro-brasileiras não usam as plantas somente para extrair delas remédios, óleos ou banhos. Usa-se também os diversos elementos da natureza como símbolos dos Orixás, sendo muito comum nos terreiros o plantio e o cultivo de árvores sagradas, para serem dedicadas a determinados deuses, como nos atesta este depoimento do Babalorixá Adonias de Nagô²⁹⁴ do Terreiro Preto Velho Nagô, Poções: “Na minha casa tenho alguns pés de pau que são sagrados: Aroeira que é de Xangô e Oiá, Acocô que é de Ogum, Balainho-de-velho que é de Preto Velho, Cansação que é de Exu, Alfazema que é de Oxum [...]”

Cabe ressaltar que, nos rituais, quando as entidades estão manifestadas nos iniciados, estão, de certa maneira, estabelecendo os limites de seus poderes, trazendo para a comunidade todo o seu axé e o seu poder de integração. Essa é uma forma de atualizar os mitos de origem dos encantados por meio dos sistemas rituais, tornando presente e re-significando os elementos simbólicos e transcendentais que estão vinculados ao equilíbrio das forças da natureza, o que exprime a necessidade de se viver num mundo organizado.

Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, a natureza é o princípio da existência do culto; os Orixás são as representações ou até mesmo a materialização dela. A natureza está virtual e fundamentalmente presente, dentro das casas religiosas. Nesse sentido, deve-se ressaltar que o culto prestado aos Orixás e às demais entidades sagradas, nos terreiros de Umbanda, na cidade de Poções, em um determinado momento, ultrapassa os limites de um culto à ancestralidade de um grupo, remetendo-se ao culto à natureza, pois os membros que compõem as

²⁹⁴O depoimento foi coletado em pesquisa de campo realizada no período de janeiro a maio de 2012.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

comunidades de santo, ou melhor, os terreiros acreditam que os homens sejam o resultado da somatória de todas as partes ou elementos que compõem a natureza tanto nos aspectos minerais, vegetais ou animais, como nos aspectos “visíveis” ou “invisíveis” transcendentais que, de certa forma, permitem a existência não só do culto, mas do homem e sua tradição.

REFERÊNCIAS:

- BARROS, J. F. P. de; NAPOLEÃO, E. **Ewé órisá: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BERKENBROCK, V. J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LÜHNING, Â. Ewé: as plantas brasileiras e seus parentes africanos. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2006. p. 257-88.
- OLIVEIRA, M. F. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. **Natrilha do caboclo: cultura, saúde e natureza**. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.
- ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- QUERINO, M. **A raça africana e seus costumes na Bahia**. Salvador: P555 Ed., 2006.
- SANTOS, J. E. dos. **Os nagô e a morte**. Tradução UFBA. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SERRA, O. J. T.; VELOSO, E.; BANDEIRA, F.; PACHECO, L. (Orgs.). **O mundo das folhas**. Salvador, Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana; Ed. da Universidade Federal da Bahia, 2002. v. 01. 237 p.
- SODRÉ, M. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- VERGER, P. F. **Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba**. 4. impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.